

ESTUDO BÍBLICO

# **PROFETA DANIEL**

(9º ESTUDO)

# **70 SEMANAS**

DANIEL 9.1-27

REV. SILAS MATOS PINTO

## **70 SEMANAS**

Daniel 9.1-27

Às vezes, em determinado tempo do ano, logo pela manhã, nada se vê. Uma névoa espessa toma conta de tudo e cega os nossos olhos, mas, como um passe de mágica, o sol se levanta no horizonte e a neblina, que parecia intransponível, se desfaz e, então, podemos ver tudo claramente.

O livro de Daniel é temido por suas visões estranhas e palavras incompreensíveis. Assim como o livro do Apocalipse, esse livro parece trazer mistérios incompreensíveis, porém, assim como Apocalipse, basta estudar com atenção, tirando qualquer mística do texto e veremos que não há mistério, há apenas revelações divinas para se entender o que Deus fez, faz e fará em favor do seu povo.

Nesse capítulo estudaremos sobre:

### **UM TEMPO PARA A PURIFICAÇÃO DO POVO DE DEUS.**

Em primeiro lugar veremos que **DEUS DETERMINOU UM TEMPO PARA O CATIVEIRO DO SEU POVO** (v.1,2)

Nem tudo o que parece ruim, o é. O modo de Deus agir em favor do Seu povo é algo incompreensível, ao primeiro olhar. Deus levou Seu povo para o Egito para que, protegido, se multiplicasse e se tornasse uma grande nação, porém o deixou ser escravizado e sofrer nas mãos dos egípcios.

Prendeu o servo fiel, José, para depois de anos de prisão, fazer dele o líder do Egito. Deixou jogar os três amigos de Daniel numa fornalha acesa, e a Daniel numa cova cheia de leões, para, depois, ser engrandecido e louvado por todos.

No livro dos Juízes, vimos que, quando o povo se rebelava, o próprio Deus levantava inimigos para os oprimir e escravizar, e quando estavam exaustos, clamavam a Deus e Deus lhes dava juízes que os libertavam do julgo inimigo. Assim o povo voltava a se aproximar de Deus e adorá-lo. Enquanto era fiel a Deus permanecia livre dos inimigos.

Em Deuteronômio Deus tratou das bênçãos, decorrentes da fidelidade, e das maldições, decorrentes da infidelidade. Por anos Deus foi longânime e permitiu que seu povo o afrontasse, nunca, porém, sem deixar de avisá-los que o castigo maior viria. Até que Ele trouxe, sobre as dez tribos do Norte, os assírios e as destruiu, e trouxe sobre Judá, Nabucodonosor e o levou cativo.

O cativeiro babilônico provocou muito sofrimento, vergonha e dor. Os lugares sagrados aos judeus foram destruídos, seus tesouros de ouro e prata foram levados pelos inimigos. Seus velhos, mulheres e crianças foram mortos. Suas mulheres foram estupradas e as grávidas tiveram seus fetos arrancados do seu ventre. Tudo o que lhes era motivo de orgulho, caiu por terra. Se tornaram escravos, cativos e expulsos das suas terras.

Como iniciei falando, as vezes a névoa toma conta de tudo e nos cega. Às vezes o caminho ou a saída está diante dos nossos olhos e não conseguimos vê-lo. Logo que a névoa se dissipa, o vimos claramente.

Essa foi a descoberta de Daniel. A informação que tanto desejava estava diante dos seus olhos e nunca tinha conseguido ver. O sofrimento era tamanho e a vergonha e dor era tal que os olhos estavam como que cobertos pela névoa. Ninguém, até aquele dia, conseguiu perceber que Deus havia determinado um tempo, 70 anos, para o sofrimento e purificação do seu povo.

Anos se passaram desde que Judá fora levado cativo. O sofrimento ainda permanecia vivo na memória de todos. Muitos já tinham envelhecido ou morrido, mas muitos, assim como Daniel, ainda permaneciam sofrendo por tudo o que ficara para traz.

Num momento de oração e estudo das profecias de Jeremias houve uma revelação divina para Daniel. Ele fez uma descoberta que daria ao povo um novo alento. Despertaria neles a certeza de voltar para sua terra: O tempo do fim do sofrimento tinha chegado.

A revelação foi dada por Deus a Daniel e a nenhum outro, antes dele. O texto nos revela essa verdade. O verso 22, diz: *“Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado...”*

No momento de oração e súplicas o próprio Deus deu ordens para que Daniel fosse capacitado a perceber o que outros ainda não tinham percebido, mesmo que hoje, para nós, pareça tão óbvio. O tempo do sofrimento babilônico estava quase no fim.

Veja o que o texto diz: *“No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos”*.

Como assim? Ninguém tinha lido isto antes? Tudo indica que não, ou se leu não entendeu, ou não aplicou corretamente. É o que tem acontecido com muitos, que tendo a Bíblia nas mãos, não a lê, e permanecem na escuridão.

Jeremias ficou conhecido como o profeta chorão. Ele escreveu suas lamentações e chorou muito diante de Deus por causa do mal contra Jerusalém e contra o povo de Deus. Depois de um longo momento com Deus, depois de chorar bastante, Deus falou ao profeta e lhe esclareceu os fatos futuros.

O que Deus disse ao profeta Jeremias? Não disse que o opróbrio acabaria imediatamente. Não disse que os cativos seriam trazidos de volta no próximo mês, mas deixou claro algo, veja: *“Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações servirão ao rei da Babilônia setenta anos. Acontecerá,*

*porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei da Babilônia e a desta nação, diz o Senhor, como também a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas”.*

Deus não oprime para sempre. Se Deus permite que os servos sofram é porque ele tem um motivo. E se permite algo assim, tão terrível, ele determina um tempo para que o opróbrio chegue ao fim. Para Judá, o tempo do fim estava chegando.

Lembra que fiz uma conta, no estudo passado, desde a morte de Nabucodonosor até a queda de Belsazar? Pois é, havia se passado cerca de 22 anos. Se contar o tempo de sua vida desde o início do seu reinado, que durou 43 anos, e que Daniel fora levado cativo no primeiro ano do reinado de Nabucodonosor, e que Daniel estava no primeiro ano de Dario, temos aí pelo menos 66 anos. Faltavam apenas cerca de quatro anos para o fim do cativeiro. Seu povo seria liberto por Deus. O sofrimento acabaria logo.

Em segundo lugar veremos que **DEUS EXIGE O QUEBRANTAMENTO DE QUEM PECOU** (v. 4-19)

Deus é misericordioso, isso todo mundo sabe, porém, Deus exige que o pecador reconheça o seu pecado, se humilhe, se arrependa, confesse o seu pecado e retome o caminho santo.

Num dos textos mais conhecidos da Bíblia, onde retrata a resposta de Deus à oração do rei Salomão (1º Reis 8.33-34),

onde ele diz: *“Quando o teu povo de Israel, por ter pecado contra ti, for ferido diante do inimigo, e se converter a ti, e confessar o teu nome, e orar, e suplicar a ti, nesta casa, ouve tu dos céus, e perdoa o pecado do teu povo de Israel, e faze-o voltar à terra que deste a seus pais”.*

Deus lhe responde (2º Crônicas 7.14): *“Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra”.*

Muitas vezes Israel pecou. Deus o castigou e o fez sofrer, mas quando se arrependeu e clamou por Sua misericórdia, reconhecendo o seu pecado, Deus ouviu, atendeu à oração e libertou o seu povo.

A confissão de pecados, unida ao quebrantamento do coração que fora orgulhoso e rebelde, é o primeiro passo para receber o bem de Deus. Deus não abençoa o orgulhoso e prepotente. Quando o pecador se humilha diante de Deus, então experimenta o agir misericordioso dEle.

É o que vimos neste texto. Deus já havia determinado o tempo do fim do cativeiro babilônico, mas ninguém tinha percebido esta informação. Eles estavam sofrendo o cativeiro sem perspectiva do seu fim. Isso mudou com a oração de Daniel.

Qual foi a atitude de Daniel e o teor da sua oração que agradou assim tanto a Deus?

Primeiro vejamos a postura de Daniel diante de Deus: *“Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza”*.

Lembre-se que quando Jonas pregou à cidade de Nínive e o rei e o povo se quebrantou, se humilhou, fez jejum e assentou-se sobre cinzas, reconhecendo o seu pecado, Deus decidiu não destruir a cidade, como havia determinado.

Daniel se porta diante de Deus como todos nós devemos nos portar, quebrantado e humilde. Ele suplica, não exige, pois reconhece que é servo. Jejua, revelando que a presença divina é mais importante que o alimento. Ele se veste de pano de saco, uma roupa sem honra, mostrando que toda a glória é do Senhor e se assenta nas cinzas, para implorar o Seu perdão. Postura correta e aceita por Deus.

Vejamos agora o teor da sua oração: *“Orei ao Senhor, meu Deus, confessei e disse: Ah! Senhor! Deus grande e temível que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos”*.

Daniel reconhece a fidelidade de Deus, em contrapartida, reconhece sua infidelidade e a infidelidade do Seu povo. Além de afirmar que a bondade de Deus seria um ato de misericórdia, e não um mérito do povo.

Diz mais: *“Temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos*

*dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvido aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra”*.

Daniel confessa publicamente que o povo pecou contra Deus. Foram perversos e amaram a iniquidade, quando deveriam ter amado a Deus. Foram rebeldes, afrontando a autoridade divina. Foram surdos aos avisos de Deus, quando Deus os chamava para que voltassem a Ele em fidelidade.

Daniel reconhece que Deus foi justo ao castigar o povo com o cativoiro babilônico. Veja: *“A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha, como hoje se vê; aos homens de Judá, os moradores de Jerusalém, todo o Israel, quer os de perto, quer os de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa das suas transgressões que cometeram contra ti. Ó Senhor, a nós pertence o corar de vergonha, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais, porque temos pecado contra ti”*.

Ele reafirma a justiça divina. Não julga a ira divina, mas julga a si e ao povo, mostrando que todos eles deveriam estar corados de vergonha por suas atitudes rebeldes e iníquas. Deus foi justo ao castigá-los. Eles é que nunca deveriam ter pecado.

Esse foi o reconhecimento do profeta Jeremias, quando reconheceu a justiça divina e o pecado do povo: *“As*

*misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos*” (Lamentações 3.22) Se Deus não tivesse sido misericordioso Ele teria destruído o povo e não apenas punido.

Porém, depois de reconhecer o seu pecado, Daniel diz: *“Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão, pois, nos temos rebelado contra ele e não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu por intermédio de seus servos, os profetas”*.

Daniel reconhece que, não tendo méritos, só pode suplicar o perdão confiado na Misericórdia de Deus. O perdão nunca é dado por merecimento, pois ninguém merece perdão, e isso porque quem pecou tinha a consciência de estar cometendo pecado. Sua ação foi um ato de rebeldia.

Foi o que Daniel disse a seguir: *“Sim, todo Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso, a maldição e as imprecações que estão escritas na Lei de Moisés, servo de Deus, se derramaram sobre nós, porque temos pecado contra ti. Ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós e contra os nossos juízes que nos julgavam, e fez vir sobre nós grande mal, porquanto nunca, debaixo de todo o céu, aconteceu o que se deu em Jerusalém”*.

Deus tinha avisado ao povo o quanto ele seria duro se se afastassem dEle. Maldições viriam. Seriam duramente castigados. A terra se tornaria estéril, inimigos se tornariam seus

senhores e muitos outros sofrimentos teriam de sofrer se escolhessem a rebeldia, ao invés de escolher a obediência.

Os avisos não foram apenas ditos pelos profetas, eles foram registrados, escritos e propagados a todo o povo, para que se arrependesse e voltasse para o Senhor. Porém, o povo de Deus permaneceu duro, mesmo sob o castigo, e não clamou pelo perdão. O castigo foi justo.

Veja: *“Como está escrito na Lei de Moisés, todo este mal nos sobreveio; apesar disso, não temos implorado o favor do Senhor, nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades e nos aplicarmos à tua verdade. Por isso, o Senhor cuidou em trazer sobre nós o mal e o fez vir sobre nós; pois, justo é o Senhor, nosso Deus, em todas as suas obras que faz, pois não obedecemos à sua voz”*.

O povo de Deus se esqueceu que é propriedade de Deus e se entregou a outro, para dar a glória de Deus aos ídolos. *“Na verdade, ó Senhor, nosso Deus, que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão poderosa, e a ti mesmo adquiriste renome, como hoje se vê, temos pecado e procedido perversamente”*. Essa situação tornou-se inaceitável. Deus não suportaria ver os Seus se dando a outros. Ele não divide a sua glória.

Daniel pediu a Deus o perdão e suplicou para que a ira de Deus se apartasse do Seu povo: *“Ó Senhor, segundo todas as tuas justiça, aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de*

*Jerusalém, do teu santo monte, porquanto, por causa das iniquidade de nossos pais se tornaram Jerusalém e o teu povo opróbrio para todos os que estão em redor de nós*”.

Daniel reconhece que não há como exigir o perdão ou apresentar qualquer ato de fidelidade. Ele suplica, pois é somente isso que pode fazer, tendo pecado tão vilmente diante de Deus: *“Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo e as suas súplicas e sobre o teu santuário assolado faze resplandecer o rosto, por amor do Senhor. Inclina, ó Deus meu, os ouvidos e ouve; abre os olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias. Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não te retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome*”.

Deus exige a confissão de pecados, não porque ele não sabe do que fizemos, mas para que, reconhecendo o nosso próprio erro, o abandonemos e nos corrijamos.

Tendo orado, algo aconteceu: *“Falava eu ainda, e orava, e confessava o meu pecado e o pecado do meu povo de Israel, e lançava a minha súplica perante a face do Senhor, meu Deus, pelo monte santo do meu Deus. Falava eu, digo, falava ainda na minha oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado*

*na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou, à hora do sacrifício da tarde. Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para te declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão*”.

A compreensão do tempo do fim do cativo não foi por inteligência de Daniel, mas uma revelação, pois coisas espirituais se discernem espiritualmente. Quando Daniel começou a orar, Deus, imediatamente, enviou seu anjo para fazer Daniel entender o que estava registrado em Sua Palavra. É isso que nós, presbiterianos, chamamos de revelação bíblica.

Em terceiro lugar, veremos que **DEUS TEM PROPÓSITO PARA TUDO O QUE FAZ** (v.24)

O texto diz: *“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos*”. Observe a repetição do “para”, pois indica o objetivo do cativo. Deus tem propósito em tudo o que faz, não duvide.

Quando Deus dirigia o Seu povo para a Terra Prometida, antes de entrar nela, Deus os avisou para expulsar a todos, a não fazer acordos e nem casar suas filhas e seus filhos com os filhos

dos moradores da terra, pois eles seriam laços e armadilhas e os fariam abandonar a Deus.

Israel não deu ouvidos. Fizeram acordos. Deixaram que vivessem no meio deles e, eles, lhes ensinaram a adorar aos deuses que adoravam. Se perverteram e viraram as costas para Deus.

Deus teria de curar o Seu povo desta doença, e curou. Não vou repetir o texto que acabou de ser lido, mas gostaria que você o lesse novamente. Leu? Viu que o cativo tinha o objetivo de curar a idolatria, a desobediência, a rebeldia e a iniquidade do povo de Deus? O cativo foi para Israel como o remédio divino para a cura da sua doença espiritual.

O Israel pós-exílio nunca mais foi o mesmo. Israel nunca mais adorou aos deuses de Canaã. Nunca mais fez ídolos para si. Nunca mais queimou seus filhos a Maloque. Nunca mais adorou aos astros celestes. Deus, através do Cativo Babilônico, curou o Seu povo das suas iniquidades.

Daniel estava no palácio, a serviço do rei. Ele não se calou diante de uma notícia tão maravilhosa. Tão logo Ciro, o homem escolhido por Deus para libertar Seu povo, como predito por Isaías, cerca de cem anos atrás, seria o novo rei, Daniel, com certeza lhe fez saber dos planos divinos para o seu governo e ele, resolveu agir em favor do povo de Deus. Ciro foi avisado que o Deus dos céus tinha um propósito em sua vida.

Esdras, 1.1-4, diz: *“No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém. Quem dentre vós é, de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém de Judá e edifique a Casa do Senhor, Deus de Israel; ele é o Deus que habita em Jerusalém”*. Deus tinha um propósito na vida de Ciro como tinha propósito no Cativo Babilônico. Ele sabe o que faz.

Em quarto lugar veremos que **DEUS AINDA PERMITIRIA MALES SOBRE O SEU POVO** (25-27)

Essa parte do texto é o centro da atenção de muitos estudiosos. Procuram no texto uma mensagem apocalíptica, mística e mágica. Não é o que entendo desse texto. Depois de algumas noites sem dormir meditando nas palavras deste texto, e depois de muita oração, creio que a interpretação dele seja mais simples do que se imagina.

Sei que posso estar errado e que há muitos que são muito mais inteligentes e mais preparados do que eu, mas esse estudo é fruto de muita oração. Caso alguém discorde de mim, peço que coopere comigo na compreensão, pois quero acertar.

Vimos, e foi uma surpresa para alguns, que os animais apresentados nos textos anteriores, que causavam espanto, nada têm de espantosos, pois se referem a reinos e reis. Após ler as explicações do próprio texto, vimos que seriam reis que se sucederiam, tanto no governo da Babilônia, como no governo de outras nações. Sua revelação antecipada revelou que Deus tem os governantes em suas mãos e coloca no trono o rei que deseja.

Vimos que a Daniel foi revelado que o tempo do fim do cativeiro babilônico era chegado. Setenta anos se passaram desde o seu início e o fim chegaria com a ascensão de Ciro ao trono. De Ciro falaremos mais à frente.

Vimos o número “70” se repete na profecia de Daniel. Não são mais os 70 anos do cativeiro, pois eles já se tinham cumprido e o propósito deles já fora revelado. No cativeiro, Israel fora curado da sua idolatria.

O tempo agora diz respeito a 70 semanas de um tempo futuro, que se iniciaria a partir do momento da libertação dos judeus do cativeiro e seu retorno à Jerusalém.

Leia com atenção ao texto: *“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir*

*destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele”.*

Gostaria de pensar sobre as personagens dessa parte do texto:

Primeiro veremos quem é O UNGIDO, O PRÍNCIPE. Costumamos ligar tudo o que diz respeito ao Ungido a Jesus, o Messias. Porém um homem foi ungido como o libertador de Israel pelo próprio Deus, e ele ainda não tinha ascendido ao trono nesse tempo. Ele era o rei Ciro.

Veja o que Isaías, profeta de Deus, vivendo mais de cem anos antes dessa época, disse a seu respeito: *“Assim diz o Senhor ao seu Ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis, e para abrir diante deles as portas, que não se fecharão. Eu irei adiante de ti, endireitarei os caminhos tortuosos, quebrarei as portas de bronze e despedaçarei as trancas de ferro; dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas, para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome. Por amor do meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome e te pus o*

sobrenome, *ainda que não me conheces*". (Isaías 45.1-6). Deus escolheu e guiou Ciro até ao trono da Babilônia, com propósito.

Deus, antes desse homem nascer, já o tinha ungido como o libertador de Israel. Ciro foi salvo da morte quando ainda era bebê, pois Deus tinha um propósito em sua vida. Seu próprio avô o mandara assassinar, mas o mordomo desobedeceu e lhe entregou para ser criado por um pastor de ovelhas. Ele não era um crente, nem judeu, nem temia a Deus. O texto repete: "*Ainda que não me conheces*".

Creio eu que o ungido a que o texto se refere diz respeito ao rei Ciro. Assim que assumiu o trono ele libertou os povos cativos e os devolveu às suas terras e deu-lhes o direito de adorar a seus próprios deuses. Assim ele fez aos Judeus.

Se estou correto, a profecia se refere ao tempo em que o Ungido, o Príncipe persa, Ciro, ascende ao trono e liberta o povo. O apoio dado por Ciro durou pouco, apenas Sete semanas, referindo-se a um curto tempo, pois Ciro logo foi morto numa batalha e "*o Ungido já não estará*".

Já vimos no livro de Esdras que no primeiro ano de Ciro um grupo de judeus voltou para Jerusalém, para reconstruir o templo e a cidade. Esse tempo, agora sem o apoio de Ciro, seria difícil e a leitura de Esdras nos mostra como os inimigos atrapalharam a reconstrução do templo.

Esdras revela os obstáculos que os adversários criaram para evitar que o Templo fosse reconstruído. Perseguiram, guerrearam e armaram ciladas. Aí, a profecia de Daniel, diz: "*As praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos*". Sublinhei a terminação "ao" para reafirmar que o tempo já não se trata mais do cativo, mas do retorno à Jerusalém, pois se trata de um tempo no futuro em relação a Daniel.

Viram que a reconstrução se daria "*Em tempos angustiosos*". Ser avisados dessa dificuldade foi importante para que os judeus não pensassem que viveriam em paz no seu retorno à sua terra e não desistissem da obra.

Finalizando a questão do Ungido, do Príncipe, não creio se tratar de Jesus, pois acontecimentos que antecederam a Jesus foram preditos nessa profecia. Ciro foi o ungido, que libertou os Judeus, porém não pode continuar a ajuda, pois foi morto.

A reconstrução do templo durou bastante tempo e os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias foram usados por Deus para animar o povo para trabalhar na reconstrução do templo e, posteriormente, no tempo de Neemias, na reconstrução dos muros de Jerusalém. Estas obras "*Se reedificaram em tempos angustiosos*".

Aí, a profecia trata de um outro personagem: O Príncipe Maldito. Veja: "*E o povo de um príncipe que há de vir destruirá a*

*cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele*". O tempo da chegada desse príncipe do mal se daria sessenta e três semanas depois da morte do Ungido, o rei Ciro.

Esse Príncipe do mal já fora citado na profecia do Carneiro e do Bode peludo. Um príncipe que surgiria, falaria impérios e ofensas contra Deus e faria muito mal ao povo de Deus. Esse príncipe se chamou Antíoco Epifanes IV. Esse homem fez muito, mas muito mal ao povo de Deus.

O texto diz: *"Ele fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele"*.

Temos aí uma razão muito forte para defender que o Ungido é o rei Ciro, pois Jesus Cristo, o Messias, nasceu muito tempo depois, não no período do reino desse terceiro animal, mas no período do quarto animal, o Império Romano, muito tempo depois do aparecimento desse Príncipe do mal, Antíoco Epifânio IV.

Leia o resultado de uma pesquisa a seu respeito no primeiro livro apócrifo dos Macabeus. Esse livro que está inserido

na Bíblia católica não é inspirado, portanto, não se pode fazer doutrina bíblica no seu conteúdo, mas pode e deve ser usado como um livro histórico, pois conta fatos importantes de um tempo que não temos registro nos livros inspirados. E os judeus mantiveram esses textos como fonte confiável da história deles.

Veja que o texto diz a respeito desse príncipe maldito que foi citado na profecia de Daniel: *"E depois que assolou o Egito no ano cento e quarenta e três, deu volta Antíoco, e marchou contra Israel. E chegou a Jerusalém com um formidável exército: e entrou cheio de soberba no santuário, e tomou o altar de ouro, e o candeeiro e todos os seus vasos, e a mesa da proposição, e as bacias, e os copos, e os grais de ouro que estavam na fachada do templo, e quebrou tudo; e tomou a prata, e o ouro, e os tesouros escondidos, tendo levado tudo, foi-se para o seu país; e fez grande matança de homens e falou com grande soberba. Então houve um grande pranto em Israel e em todos os lugares"*.

E mais: *"No dia quinze do mês de casleu, ano cento e quarenta e cinco, pôs o rei Antíoco o abominável ídolo da desolação em cima do altar de Deus, e por toda parte edificaram altares em todas as cidades da Judeia. E os homens ofereciam incenso e sacrificavam diante das portas das casas e no meio das ruas; e rasgando os livros da lei de Deus, os queimavam; e a todo aquele em poder do qual se achavam os livros do testamento do Senhor, e qualquer que observava a lei do Senhor,*

*cruelmente o matavam conforme o edito do rei. E as mulheres que circuncidavam seus filhos eram cruelmente mortas, segundo o mandamento do rei Antíoco e penduravam os meninos ao pescoço deles em todas as casas onde os achavam, e matavam desumanamente os que os tinham circuncidado”* (I Macabeus 1.21-26 e 57-65 – livro apócrifo, usado apenas como referência histórica)

Essa situação durou por um tempo relativamente longo, cerca de seis anos, entre os anos 148 a 142 AC. Esse tempo foi descrito na profecia como *“até duas mil e trezentas tardes e manhãs e depois, o santuário seria purificado”*.

As sessenta e três semanas se referem ao tempo entre a morte de Ciro, o Ungido, e o tempo de duras perseguições sofridas pelos judeus, até que o templo fosse profanado, o altar destruído e desonrado com sacrifícios de porcos, que um ídolo fosse colocado sobre o altar, muitos judeus se corrompessem e muitas guerras fossem provocadas.

Tudo isso aconteceria *“Até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele”*. Quando esta profecia foi proferida a Daniel Deus já tinha decidido sobre o fim desse príncipe do mal. Deus já o tinha condenado à morte.

No capítulo 8.25, no estudo passado, estudamos: *“Levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas”*. Deus o matou.

Antíoco Epifanes IV foi morto em sua casa, vítima de um câncer, com certeza como castigo divino por todo o mal que provocou contra o povo de Deus.

Irmãos, esse estudo tratou sobre:

### **UM TEMPO PARA A PURIFICAÇÃO DO POVO DE DEUS.**

Vimos que

- **DEUS DETERMINOU UM TEMPO PARA O CATIVEIRO DO SEU POVO** (v.1,2)
- **DEUS EXIGE O QUEBRANTAMENTO DE QUEM PECOU** (v. 4-19)
- **DEUS TEM PROPÓSITO PARA TUDO O QUE FAZ** (v.24)
- **DEUS AINDA PERMITIRIA MALES SOBRE O SEU POVO** (25-27)

Deus age de modo incompreensível a nós. Suas atitudes nunca são sem propósito. Caso Deus faça algum do seu povo sofrer é porque ele tem algo muito maior e melhor para ele. Descanse no Senhor e confia nele. Ele sabe o que faz e o que faz sempre fará bem aos que o temem. Confia, pois, no Senhor.